



Por uma estratégia nacional para a indústria das patentes

Nos últimos anos, assistimos a uma falta de ideias que apontem a um caminho de prosperidade para Portugal, tendo em conta os constrangimentos internos e externos sobejamente conhecidos. Temos que passar dos diagnósticos à construção de um novo caminho que permita construir uma nova economia, a que designo por eco sustentável.

Ou seja, estamos numa fase de transição entre um neoliberalismo capitalista, que não soube respeitar o meio ambiente (produzindo alterações climáticas e outro tipo de consequências nefastas ao meio ambiente), e os estados desenvolvidos estão confrontados com um novo paradigma de produção industrial, que tendencialmente tem diminuído a emissão de gases poluentes, e adotado novas medidas para poupar recursos naturais.

Neste quadro, Portugal tem a possibilidade de criar uma nova forma de criação de riqueza para o erário público, apostando na criação uma indústria de patentes de referência a nível mundial. Faz todo o sentido que o país dos descobrimentos, se torne no séc. XXI no país do conhecimento científico-tecnológico. A palavra “desenrascar” é uma palavra que apenas existe em Portugal, e isso revela a criatividade, espírito de inovação, e de ultrapassar limites. Ou seja, o nosso país, um dos mais antigos da europa com fronteiras constituídas, ao longo da história revelou que as suas gentes têm especial apetência para ir além do limite.

Tem faltado transformar a capacidade inventiva dos portugueses em riqueza nacional. Muitos cientistas e inventores, muitos criadores de patentes de elevado valor científico-económico tiveram que ir desenvolver as suas carreiras no estrangeiro por falta de investimento nacional nesta área. Além disso, existem também muitos inventores que não possuem licenciatura, mas têm boas ideias, mas não sabem onde se dirigir, nem como arranjar meios para produzir um protótipo para registar a patente. Ou seja, o país está a desperdiçar um enorme potencial.

O que proponho ao Governo, Assembleia da República, Presidente da república, Universidades, Empresas, e sociedade civil em geral, é criar um novo desígnio nacional. Não somos só competentes no futebol e turismo, existe esta área da indústria das patentes, que deve merecer dedicação de todos, na criação de um novo projeto, em que o estado criaria uma parceria com universidades e sector empresarial, para criação de uma plataforma que gerisse toda a investigação científica que já é feita no nosso país, incluindo fundações de prestígio. É necessário criar uma comissão em que se todos os especialistas nesta área sejam ouvidos, e lançar uma iniciativa que envolva a sensibilização dos portugueses através dos meios de comunicação social.

A implementação de um projeto com esta envergadura terá que ser realizada num curto, médio e longo prazo. Ao estado português, que terá que investir, terá direito a uma percentagem dos lucros

a partilhar com os autores. E o que é interessante neste projeto é incluir uma vasta equipa multidisciplinar (incluindo desde engenheiros, intérpretes de todas as línguas representadas na ONU para efeitos de registo em todos os países do mundo das patentes sob o selo “made in Portugal”, e várias equipas criadas em articulação, por exemplo, departamento jurídico, administrativo, financeiro, etc.

Existem várias vantagens positivas desta ideia. Em primeiro lugar, é um exemplo de excelência para as novas gerações, depois terá um impacto económico difícil de calcular, mas que num prazo de uma década pode transformar radicalmente Portugal, porque todas as multinacionais vão querer investir num país de referência mundial na indústria das patentes. Também permitiria fixar as futuras gerações de jovens mais qualificados, e acolher doutorados e jovens de todo o mundo, porque um projeto desta envergadura será inclusivo, e não apenas confinado ao nosso país, pois estamos inseridos numa economia global, e teremos que contar com o financiamento de Bruxelas. Tendo em conta que se trata de um investimento sustentável, teria seguramente acolhimento no âmbito do programa de fundos estruturais.

O ponto de partida é a construção de um Centro Avançado de Criação de Protótipos, onde qualquer cidadão com uma invenção com interesse económico de ser registada como patente, tivesse uma equipa que avaliasse em tempo útil a viabilidade da invenção, e desde a conceção do protótipo até ao registo em todos os países do mundo, e promovia a implementação na indústria. O autor acompanharia o processo e ganharia uma percentagem do lucro gerado pela patente, sem ter que assumir investimento ou risco.

Esta ideia é apenas possível se fornos, enquanto nação, organizados, unidos e focados na implementação do projeto nas várias fases, sem deixar que seja contaminado por querelas político-partidárias. O supremo interesse da nação deve prevalecer sobre interesses sectários. Desta forma, todos os rendimentos gerados, devem ser geridos por um instituto próprio, com independência técnica, e que apenas responda perante o Tribunal de contas. Não deve ser motivo de propaganda política, porque o assunto é sério demais.

Vou longe ao ponto de afirmar que a mudança que se ia operar não se podia apelidar de milagre, mas de ciência. E seria, indiscutivelmente, uma ideia porque vale a pena conseguir a união de todos os homens de boa vontade que acreditam que Portugal não tem que estar condenado à estagnação económica para as próximas gerações. Deixo esta, para que fique escrita e publicada, e possa contagiar quem partilhe desta visão, e que temos alocar de forma inteligente os poucos recursos que temos. Ficam aqui lançadas as ideias chave para uma nova estratégia nacional para a indústria das patentes em Portugal, que só será possível se for divulgada, compreendida e difundida.

Dr. Miguel Páris de Vasconcelos, advogado (www.mpvadvogados.pt), 16/12/2016

Consulte mais notícias em: www.vidaeconomica.pt